



## O LUTO COMO FUNCIONAMENTO DE LINGUAGEM THE MOURNING AS LANGUAGE FUNCTIONING

Eduardo Alves Rodrigues<sup>1</sup>

Cármem Agustini<sup>2</sup>

Luiza Castello Branco<sup>3</sup>

**Resumo:** Neste artigo, tomamos *luto* como discurso, configurando-se como efeito de sentido produzido no e pelo funcionamento da linguagem. Assim procedendo, questionamos como a significação de luto se movimenta, ganha direções ao materializar relações com outro(s) sentido(s), o que torna visível, discursivamente, o sentido de luto como não-um, ponto de possíveis articulações discursivas – relações de sustentação no/do fio discursivo – e latitudes discursivas – relações de distensão-(re)arranjo no/do fio discursivo. É por essas articulações e latitudes que o não-um sentido de luto constitui-se como metáfora e, dessa maneira, estrutura a e se estrutura pela produção de discursividades que significam diferentes formações sociais em direções diversas. Para lermos como a metáfora *luto* produz derivas, expomo-la, metodologicamente, a outras, como a do espelho – "uma imagem (que é) perturbad(or)a" – e a do sufocamento – "não é possível respirar". Compreendemos, assim, como o não-um sentido de luto funciona convocando relações que historicizam diferentes modos de "estar em luto", isto é, diferentes modos de (re)produzir o jogo da presença-ausência na e pela linguagem que determinam certos movimentos de identificação simbólica no e para o sujeito.

**Palavras-chave:** luto; metáfora; discurso.

**Abstract:** In this article, we take *mourning* as discourse, configured as effect of meaning produced in and by the functioning of language. In doing so, we question how the meaning of mourning moves, gains directions by materializing relations with other meaning(s), which makes the meaning of mourning visible as non-one, as a point of possible discursive articulations – sustaining relations in and of the discursive thread – and discursive latitudes – distending-(re)arranging relations in and of the discursive thread. It is through these articulations and latitudes that the non-one meaning of mourning is constituted as a metaphor and, in this way, it structures and is structured by the production of discursivities that signify different social formations in different directions. In order to read how the mourning metaphor produces drifts, we methodologically expose it to others, such as that of the mirror – "an image that is disturbed/an image that disturbs" – and that of suffocation – "it is not possible to breathe". We understand, therefore, how the non-one meaning of mourning works by invoking relations that historicize different ways of "being in mourning", that is, different ways of (re)producing the movement of presence-absence in and through language that determine certain movements of symbolic identification in and for the subject.

**Keywords:** mourning; metaphor; discourse.

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professor e Supervisor de Curso na Universidade Virtual do Estado de São Paulo, Univesp. Pesquisador no Grupo de Pesquisa e Estudos em Linguagem e Subjetividade (GELS/UFU/CNPq). [eduardoar76@gmail.com](mailto:eduardoar76@gmail.com).  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6818-6647>.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Docente e pesquisadora no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, UFU. Líder do Grupo de Pesquisa e Estudos em Linguagem e Subjetividade (GELS/UFU/CNPq). [carmen.agustini@ufu.br](mailto:carmen.agustini@ufu.br).  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5504-3911>.

<sup>3</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Docente e pesquisadora no Grupo de Pesquisa e Estudos em Linguagem e Subjetividade (GELS/UFU/CNPq). [luizakcb@gmail.com](mailto:luizakcb@gmail.com).  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6749-5840>.

Impressionante, quem  
ao ver o relâmpago, não diz  
a vida foge...  
(Matsúo Bashô (1644-1694), s/d.)

[...] a vida está tecida de morte. Mas ao dizê-lo convertemos em dois conceitos, vida e morte, a vivaz e fúnebre unidade vida-morte. Há uma linguagem que diga, sem dizê-lo, essa unidade? Sim, o haiku: uma palavra que é a crítica da realidade, uma linguagem que é a burla oblíqua da significação. O haiku de Bashô nos abre a porta de satori: o sentido e a falta de sentido, vida e morte, coexistem. [...] A vida não é nem longa nem curta, mas é como o relâmpago de Bashô. Esse relâmpago não nos avisa de nossa mortalidade; a própria intensidade de sua luz, semelhante à intensidade verbal do poema, nos diz que o homem não é unicamente o escravo do tempo e da morte mas que, dentro de si, leva *outro tempo*. (Octavio Paz, 1996 [1954], p. 167)

## INTRODUÇÃO

Uma nossa presença pela linguagem, neste texto, se faz no modo como reconhecemos a possibilidade de (re)ler o luto, inspirados na epígrafe de Paz (1996 [1954]), como uma *burla oblíqua pela significação*. Tomamos o luto como um jogo na/da linguagem. É o jogo que coloca em funcionamento ausência (de um significante, de uma forma material, de um efeito de sentido, de uma relação sintagmática...) que se faz presença, presença que reporta ausência, convocando-nos a pensar a opacidade do luto em leitura, abrindo-nos, assim, o olhar ao jogo perturbador das in-visibilidades, produzidas como relações históricas, e que constituem a significação do luto. É o que, do nosso ponto de vista, o relâmpago descrito no haikai de Bashô indicia: o jogo perturbador de in-visibilidade(s).

O relâmpago indicia, nessa perspectiva, o jogo perturbador decorrente do encontro entre diferentes *polaridades*, denunciando uma obliquidade na movimentação dos elétrons. A metáfora do relâmpago nos ajuda a compreender o luto como uma obliquidade na movimentação dos sentidos, que torna visível uma perturbação no jogo constitutivo da (re)produção da significação, ou seja, um (des)arranjo *sem início nem fim* na relação presença-ausência de sentido(s). O jogo da linguagem que (re)inscreve o luto no horizonte da significação é o jogo que se constrói no batimento entre *um* tempo e *outro* tempo (entre uma e outra condição, entre uma e outra situação de determinação do sentido), dando a ver a relação constitutiva entre o um e o não-um do sentido, entre unidade como efeito e dispersão como constituição histórica no processo de (re)produção de sentidos.

Nesse modo de fazermos-nos presença diante do luto, realizamos uma experimentação teórico-analítica que teve como objetivo trabalhar a compreensão do luto como linguagem, abrindo-o à interpretação, à deriva do sentido, à equivocidade que a relação presença-ausência provoca. Com esse objetivo assim posto, explicitamos a inscrição dessa experimentação no quadro teórico-metodológico da Análise de Discurso de Michel Pêcheux (AD). A despeito de outros quadros que poderiam oportunizar alguma compreensão do luto como linguagem, a AD permite trabalhar o jogo político que constitui o(s) sentido(s) de luto, mais precisamente, a (re)produção-determinação histórica desse(s) efeito(s) de sentido(s) a partir da relação com o simbólico. Assim procedendo, torna-se possível movimentar um dispositivo de leitura de modo a suspender a relação conteudista historicizada como chave de leitura para o luto, para compreendê-lo como funcionamento de linguagem, ou seja, linguagem em funcionamento.

Com esse propósito, o dispositivo de leitura é construído de modo a operacionalizar o método discursivo que consiste em expor a evidência do sentido<sup>4</sup> – neste caso, do(s) sentido(s) de luto – ao processo discursivo que o(s) (re)produz, ou seja, expô-la em termos das relações históricas que a constituem e a determinam como opacidade-equivocidade, como efeito ideológico. Assim, a evidência do sentido é exposta discursivamente ao fato de que

estão então ligados – pela noção de interpretação tal como proponho – sujeito, sentido, língua, história, ideologia. Relação só possível de ser elaborada trabalhando-se o objeto discurso definido como efeito de sentidos entre locutores (Pêcheux, 1969). É, como sabemos, pois no discurso que se pode observar a relação da língua com a ideologia. Esta última não concebida como ocultação mas como estrutura-funcionamento pela qual, reafirmo, sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo pelo acontecimento do significante na história. Fato de interpretação, função (no sentido formal) da ideologia. Abandona-se, assim, pela análise de discurso, uma definição "conteudista" de ideologia (como ocultação), pensando-se o funcionamento. (ORLANDI, 2002, p. 31)

Para isso, o dispositivo de leitura discursivo restitui à evidência do(s) sentido(s) de luto certas condições de sua (re)leitura, explicitando, na dispersão de produções simbólicas que significam o(s) sentido(s) de luto, o funcionamento do jogo que o(s) (re)produz como (ir)regularidade(s) significante(s), ou seja, o funcionamento da relação presença-ausência que sustenta a metaforização do luto. Sendo assim, (re)ler o luto por esse dispositivo implica expô-lo como efeito de sentido, (re)produzido relativamente a um arquivo de produções simbólicas, que (re)atualizam materialmente as formações discursivas<sup>5</sup> que o significam e que (re)atualizam materialmente seus modos de circulação

---

<sup>4</sup> Filiados à AD, tomamos "evidência de sentido" a partir da compreensão de que todo sentido é efeito; efeito decorrente do funcionamento de um processo histórico-ideológico de textualização simbólica do político. É como evidência, efeito, que o sentido se apresenta ao sujeito. Essa nossa compreensão se apoia em Althusser (1970), que nos ensina que a evidência é um efeito ideológico. Nas palavras do próprio Althusser, "como todas as evidências, incluindo as que fazem com que uma palavra 'designa uma coisa' ou 'possua uma significação' (portanto incluindo as evidências da 'transparência' da linguagem), esta 'evidência' de que eu e você somos sujeitos – e que esse facto não constitui problema – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar. Aliás, é próprio da ideologia impor (sem o parecer, pois que se trata de 'evidências') as evidências como evidências, que não podemos deixar de *reconhecer*, e perante as quais temos a inevitável reacção de exclamarmos (em voz alta ou no 'silêncio da consciência'): 'é evidente! É isso! Não há dúvida!'" (ALTHUSSER, 1970, p. 95-96).

<sup>5</sup> Um dos modos de compreendermos formação discursiva seria tomá-la como "aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.)" (PÊCHEUX, 1995 [1975], p. 160). Noutros termos, "formação discursiva é o lugar da constituição do sentido (sua 'matriz', por assim dizer)" (PÊCHEUX, (1995 [1975], p. 162). E um dos modos de compreendermos formação ideológica seria pensá-la como um conjunto complexo de relações de forças sócio-históricas, o que parafraseamos da seguinte explicação: "falaremos de *formação ideológica* para caracterizar um elemento suscetível de intervir, como uma força confrontada a outras forças, na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado. Cada formação ideológica constitui desse modo um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem 'individuais' e nem 'universais', mas que se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas em relação às outras" (HAROCHE; PÊCHEUX; HENRY, 2011 [1971], p. 27). Podemos, assim, compreender formações ideológicas como um conjunto complexo de relações de evidências constituído pelo trabalho simbólico da ideologia, efeitos que interpelam-identificam (PÊCHEUX, (1995 [1975]) o sujeito e seu dizer em referência a determinadas posições ideológicas constituídas no âmbito do processo histórico da luta de classes. Conforme descrição do próprio Pêcheux, relendo Althusser (1970), "é a ideologia que fornece as evidências pelas quais 'todo mundo sabe' o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado 'queiram dizer o que realmente dizem' e que mascaram, assim, sob a 'transparência da linguagem', aquilo que chamaremos *o carácter material do sentido* das palavras e dos enunciados" (PÊCHEUX, 1995 [1975], p. 160).

e de identificação em determinada formação social<sup>6</sup>. É recortando esta unidade de arquivo, para restituir relações entre discursos que possam explicitar o trajeto histórico dos sentidos possíveis de luto, que (re)lemos o luto em seu sentido não-um, ou seja, dividido, variável e errante.

Nessa perspectiva, expomos o olhar leitor ao processo histórico-político-ideológico que constitui o arquivo de leitura, estabelecido para este artigo, de possíveis (re)atualizações de articulações e latitudes discursivas<sup>7</sup> que metaforizam o luto, e, por esse funcionamento, (re)atualizam traços das relações metonímicas que se materializam em paráfrases possíveis pelas quais a significação do luto se movimenta, marcando o acontecimento da identificação simbólica<sup>8</sup>. Este acontecimento marca, no e para o sujeito efeito de linguagem, a mediação com a radicalidade de sua entrada no estado de decalagem em relação ao real, entrada que inaugura, para o sujeito, sua forma histórico-ideológica material. Essa identificação simbólica medeia, portanto, a relação não direta, não imediata com o real. Considerando esse fundamento, o funcionamento do luto como linguagem produz também modos de relação com o real.

Ressaltamos que a teoria discursiva é estruturada pela contradição histórica, já que o sentido não se fecha, não se ajusta, não se barra, pois é efeito de inscrição da falha histórica. Nessa perspectiva, todo processo metafórico, que realiza a transferência de sentidos, que coloca em relação sentidos, é necessariamente também metonímico; a metáfora não prescinde do já dito, isto é, do sentido que já fora produzido e historicizado. O sentido, inexato por fundamento, é parcelar, residual, pode ser sempre outro, o que destaca seu caráter necessariamente metafórico-metonímico.

Portanto, ao nos propormos a analisar o luto como funcionamento de linguagem, procuramos compreendê-lo em sua condição de efeito de sentido produzido a partir de um processo de metaforização. Por metaforização compreendemos, com Pêcheux (1995 [1975], p. 132, 262, 263, 300, 301, dentre outras), um funcionamento próprio ao processo sócio-histórico (discursivo) que produz *como os objetos se apresentam para o sujeito* (PÊCHEUX, 1995 [1975], p. 132). Este "como os objetos se apresentam para o sujeito" é o que compreendemos discursivamente como "efeito metafórico", efeito este que decorre desse processo que relaciona histórico-ideologicamente um sentido a outro(s). Com isso, podemos dizer que, diante de uma metáfora (efeito metafórico), estamos diante de sentidos em relação. Nas palavras de Pêcheux,

[...] o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora [...], das quais certa formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões e proposições recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem. Simultaneamente, a transparência do sentido que se constitui em uma formação discursiva mascara a dependência desta última em relação ao interdiscurso. Na verdade, a metáfora, constitutiva do sentido, é sempre

---

<sup>6</sup> Como conceito teórico-marxista, por formação social "se entende a totalidade histórico-social constituída por um modo de produção e pela sua superestrutura política e ideológica" (BOBBIO *et al.*, 1998, p. 509). Em relação à formação social capitalista, que caracteriza a organização social atual, dizemos que ela é dominada pelo modo de produção capitalista. Ainda sobre o conceito de formação social, destacamos a advertência de Sereni (2013), sobre como, em Marx, formação social deve sempre ser "entendida no sentido dinâmico e não estático; como um *processo*, em suma, e não como a substância (por assim dizer) de uma época ou de uma fase histórica em si mesma imóvel e acabada" (SERENI, 2013, p. 304). Com a (re)leitura de Marx por Sereni, compreendemos que a noção de formação social "se coloca inequivocamente no plano da *história*, que é [...] o da totalidade e unidade de *todas* as esferas (estruturais, superestruturais ou outras) da vida social, na (des)continuidade de seu desenvolvimento histórico" (SERENI, 2013, p. 316).

<sup>7</sup> Na seção 2, apresentamos uma experimentação teórico-analítica explicitando como compreendemos, no processo de (re)produção da significação, os movimentos interdiscursivos de articulação e latitude, mostrando teórico-analiticamente como esses movimentos metaforizam o luto.

<sup>8</sup> Conferir Pêcheux (1995 [1975], p. 175 e p. 184).

determinada pelo interdiscurso, isto é, por *uma região* do interdiscurso. (PÊCHEUX, 1995 [1975], p. 263)

Pêcheux, nessa citação, ensina que a metáfora deve ser compreendida como efeito da determinação do interdiscurso. A metáfora é efeito do retorno do interdiscurso sobre o dizer, e, como tal, indicia a constituição do dizer, como mostramos neste artigo, nas e pelas articulações e latitudes interdiscursivas.

Simultâneo à produção desse efeito de determinação, há a produção do efeito metonímico (metonímia) também como determinação interdiscursiva. O efeito metonímico instaura-se, nessa perspectiva, como efeito de associações – efeito de contiguidade – entre sentidos de diferentes regionalizações do interdiscurso, do qual o efeito metafórico não prescinde. Assim, instaurado o efeito metafórico, instaura-se a projeção da falha como possibilidade na relação com a historicidade, da deriva como possível, funcionando ao modo de um "radar" interdiscursivo. Os sentidos evocáveis pelas associações metonímicas, por sua vez, constituem uma presença-ausente que ressoa "metonimicamente" no horizonte significativo da relação metafórica. É dessa maneira que compreendemos o caráter inexato do sentido como metafórico-metonímico.

Neste artigo, com os objetivos e advertências já expostos, movimentamos nosso dispositivo de leitura sobre um arquivo heterogêneo de produções simbólicas que materializam modos de o luto funcionar como linguagem (re)atualizando discurso(s). A unidade desse arquivo é reconstituída teórico-analiticamente a partir de marcas materiais significantes que se dão a ver na medida em que construímos o objeto de análise – o funcionamento do luto como linguagem – como função da interpretação, e na medida em que essas marcas materiais indiciam como tal funcionamento se materializa para o olhar leitor.

O arquivo suprarreferido é materialmente indiciado neste artigo a partir de recortes que o dispositivo de leitura produz sobre algumas das produções que o constituem: dois contos, "O Espelho", de Machado de Assis, e "O Espelho", de Guimarães Rosa, e a charge "Não consigo respirar", do artista Will Barcellos. Pelo dispositivo de leitura, colocamos em operação o método discursivo para (re)ler este arquivo, relacionando, por exemplo, o dito ao não-dito, um discurso a outro, uma marca a outra, um texto a outro, de modo a explicitar, no jogo dessas referências cruzadas, a interdiscursividade – em suas articulações e latitudes – que (não) costura relações nas e pelas metaforizações e paráfrases do luto.

Na sequência, apresentamos as duas seções que compõem nossa experimentação. Na primeira, nós nos aproximamos da metáfora do espelho – "uma imagem (que é) perturbad(or)a" – tal como formulada nos contos de Machado de Assis e Guimarães Rosa, para compreendermos o luto em seu funcionamento como discurso, constituindo os processos de identificação simbólica no e para o sujeito. Na segunda, ao (re)lermos como a charge de Barcellos (re)atualiza a metáfora do sufocamento – "não é possível respirar" –, expomos como a significação do luto pode (re)atualizar determinadas articulações e latitudes discursivas.

## **1. O LUTO PELA METÁFORA DO ESPELHO**

Nesta seção, reconstruímos, no e pelo dispositivo de leitura discursivo, a metáfora do espelho a partir de um diálogo forjado entre dois célebres contos da literatura brasileira, ambos intitulados "O Espelho". Um escrito por Machado de Assis e publicado em 1882; o outro por Guimarães Rosa, em 1962. Ao forjarmos essa interlocução sobre duas experiências diante de um espelho, (re)lemos o luto pelo jogo de in-visibilidades

instáveis – pelo jogo da dúvida, da desconfiança, da incerteza – que podemos interpretar, ao modo como Foucault (1999 [1966]) analisa o quadro de Velázquez, "Las meniñas", como "um sistema sutil de evasivas" (FOUCAULT, 1999 [1966], p. 3).

Em decorrência dessa compreensão, ao nos colocarmos diante do espelho, experienciamos o jogo metafórico que ele nos im-põe ao materializar um conjunto prismático de imagens em relação, de imagens evocadoras de efeitos de sentido, o que nos permite questionar, por exemplo: "somos vistos ou vemos?" (FOUCAULT, 1999 [1966], p. 6). Em outras palavras, que jogo de in-visibility o espelho (re)produz? É o mesmo Foucault quem, analisando ainda o quadro de Velázquez, nos adverte que

[...] o que olha e o que é olhado permutam-se incessantemente. Nenhum olhar é estável, ou antes, no sulco neutro do olhar que traspasa a tela perpendicularmente, o sujeito e o objeto, o espectador e o modelo invertem seu papel ao infinito. [...] o oblíquo do cavalete [...] torna para sempre instável o jogo das metamorfoses que, no centro, se estabelece entre o espectador e o modelo. Porque só vemos esse reverso, não sabemos quem somos nem o que fazemos. Somos vistos ou vemos? (FOUCAULT, 1999 [1966], p. 6)

Diante do espelho, com essas perguntas, questionamos o estatuto imaginário do jogo especular, desdobrando-o na e pela compreensão de seu funcionamento determinado na e pela relação entre o simbólico, o político e o ideológico. Esse funcionamento assim constituído, diremos, é função do próprio real. E por real, apoiados na formulação elaborada por Pêcheux (1995 [1975]), em *Semântica e Discurso*, compreendemos o seguinte:

*O real existe, necessariamente, independentemente do pensamento e fora dele, mas o pensamento depende, necessariamente, do real, isto é, não existe fora do real.*

A não-simetria que liga, desse modo, real e pensamento indica, de saída, que não estamos diante de duas 'regiões', o que torna sem efeito a questão de saber qual das duas regiões 'contém' a outra e em que condições (e em que espaço) se pode tentar fazê-las coincidir. Essa não-simetria designa na verdade 'o primado do ser sobre o pensamento', na medida em que *o real como necessário* (a 'necessidade-real') *determina o real como pensamento* (a 'necessidade-pensada') e isso como se se tratasse *da mesma necessidade*. (PÊCHEUX, 1995 [1975], p. 255-256)

Podemos dizer, dessa maneira, que o real é aquilo que, irrepresentável e exterior ao sujeito e ao seu pensamento, existe constituindo, determinando o sujeito e seu pensamento como algo incontornável e irreduzível. O fato de haver real no-lo im-põe em todas as dimensões da existência. É nessa medida, do nosso ponto de vista, que é possível considerarmos o real sobredeterminando os diferentes tipos de real, como o real da história, o real da língua, o real do inconsciente, o real do pensamento. Essa tomada de posição teórica, por sua vez, implica reconhecermos que a teoria se depara com o real, como algo que se lhe im-põe como incontornável, porque permanece desde-sempre-já irrepresentável.

Por ora, contentemo-nos em assumir que, na e pela teoria, bordejamos tal fato. Assim procedendo, como consequência da relação incontornável e irreduzível entre a teoria e o real, assumimos também que a (re)produção do sentido é sobredeterminada pelo efeito de que tudo (não) podemos dizer. Isso posto, retomamos mais uma vez a tese discursiva segundo a qual o sentido é sempre efeito; por isso, nunca tocamos diretamente o real, dado que entre o real e a interpretação (como podemos compreender o que reconhecemos como "realidade") há um abismo intransponível. Diante desse abismo, a linguagem se nos impõe como materialidade sócio-histórica e ideológica sobre a qual interpretamos tal impossível, o que viabiliza ressoar em nós "um diálogo do abismo, um cochicho do nada" (ASSIS, 1979 [1882], p. 349). É assim que os discursos produzidos

bordejam sem cessar esse impossível, tentando dar conta dele, como se dar conta dele fosse algo possível.

Com isso, mais uma vez, dialogando com essas metáforas forjadas na interdiscursividade, compreendemos o luto como efeito, como fantasia do real (ROUDINESCO; PLON, 1998), se pensarmos na metáfora psicanalítica que explicita a fantasia como um possível ao sujeito diante do real<sup>9</sup>. Mais ainda: compreendermos o luto como efeito implica reconhecermos que ele funciona como uma espécie de jogo "fort-da" (FREUD, 2010 [1920])<sup>10</sup>. Recorremos a essa outra metáfora pois ela nos aproxima do movimento de batimento que marca a repetição des-contínua de algo: algo que significa uma relação de perda-e-recuperação, de ausência-e-presença, de desaparecimento-e-reparição. É a partir desse batimento que se (re)inscreve para o sujeito, tomado como posição protagonista contraditória de tal jogo, uma relação com a alteridade, com a incompletude, com a equivocidade, com o incontornável, com a falta, que constituem o processo de sua (re)produção. Esse processo se realiza sob a condição *sem início nem fim*. E é esse jogo que o espelho faz retornar quando nos colocamos a nos (re)ver, (re)ler através de sua face vítrea.

E se procuramos compreender o luto na perspectiva desse jogo, nós o (re)inscrevemos como discurso, isto é, como funcionamento de linguagem que relaciona, indissociável e constitutivamente, os efeitos de "desaparecimento" e "reparição" de sentido(s), ou seja, funcionamento de linguagem que relaciona, indissociável e constitutivamente, os efeitos de "ausência" e "presença" de sentido(s); no caso do luto, especificamente, os efeitos de "perda" e de "retorno da perda" de sentido(s). No funcionamento do luto, o sujeito significa e é significado nesse jogo metafórico que (re)produz a "perda" e seu "retorno" como efeitos de sentido estruturantes no e do

---

<sup>9</sup> O verbete de Roudinesco e Plon (1998, p. 223-226) ensina que fantasia é o processo de elaboração discursiva do sujeito que (re)produz uma espécie de "resposta" eficaz, simbólica e imaginária, temporária ou não, para o caráter incontornável, irredutível e irrepresentável do real, o que marca, segundo os autores, "a sujeição originária do sujeito ao Outro, relação traduzida por esta pergunta eternamente sem resposta: 'Que queres?'".

<sup>10</sup> Freud (2010 [1920]), em "Além do princípio do prazer", artigo que reorganiza a teoria analítica freudiana (CHEMAMA, 1995), apresenta uma descrição do funcionamento do aparelho psíquico a partir da qual tal funcionamento passa a ser estruturado sobre a relação entre pulsão de vida (pulsão de prolongamento da vida) e pulsão de morte (pulsão de retorno ao estado inorgânico). Freud, nessa direção, formula: "só podemos dizer que *o objetivo de toda vida é a morte*, e, retrospectivamente, que *o inanimado existia antes que o vivente*" (FREUD, 2010 [1920], p. 137-138). Assim, em seu artigo, Freud faz derivar teoricamente o conceito de "compulsão à repetição" ("automatismo de repetição", "obrigação de repetição") a partir da compreensão do princípio do prazer (efeito de distensão de excitação na vida mental). Interessa-nos destacar aí um dos processos que Freud observa para a construção dessa compreensão: uma brincadeira de criança, o jogo "fort-da". Nesse jogo de desaparecimento-reparição, a criança dizia "o-o-o-o" significando '*fort*', 'foi embora', ao lançar o carretel seguro por um cordão dentro do berço, e depois dizia "a-a-a-a" significando '*da*', 'está aqui', ao puxar o carretel de volta para si. Por esse mecanismo do jogo, ao "perder" e "recuperar" o objeto, a criança de 18 meses, observada por Freud, encena, isto é, repete – *fort* – a experiência de desprazer, produzida em função da experiência traumática da ausência da mãe, e – *da* – a experiência de prazer, produzida em função de experienciar o "controle" sobre tal trauma ao dissimular a presença da mãe em situação análoga. Trata-se de um jogo que coloca em relação, portanto, o desaparecimento e a reparição de um trauma reprimido: a ausência/separação do outro, corte este operado pela entrada do sujeito no simbólico na e pela linguagem. Esse trauma retorna constitutivamente, movimentando o psiquismo no batimento entre pulsão de morte e de vida. Por meio desse jogo, compreendemos que se (re)produz a reversibilidade de posições ocupadas pelo sujeito diante do trauma: ele "passa da passividade da experiência à atividade do jogo" (FREUD, 2010 [1920], p. 118). Esse jogo vai estruturar "o curso dos processos de excitação na vida mental" (FREUD, 2010 [1920], p. 124) do sujeito, tornando constitutivo aquilo que Freud denomina por "compulsão à repetição". Do nosso ponto de vista, essa compulsão é (re)vivida pelo sujeito como injunção, e funciona dis-tensionando o movimento de constituição do sujeito para "além do princípio do prazer" ao, contraditoriamente, (re)viver sua repetição.

processo de sua identificação simbólica (como no funcionamento da fantasia, supramencionado).

Do nosso ponto de vista, defendemos, portanto, a tese segundo a qual o luto como funcionamento de linguagem é concebido como um funcionamento estruturante do processo de (re)produção do sujeito, pois descreve sua condição única na linguagem ao experienciar, sem cessar, a injunção a simbolizar isso que faz função de perda. Isso que faz função de perda no e para o sujeito é a relação indissociável entre os efeitos de "perda" (de desaparecimento) e de "retorno da perda" (de reaparição) de sentido(s).

É diante do espelho, ainda, na e pela história, a partir do sujeito, que se (re)produz um jogo de olhares – perspectivas, permutações, metamorfoses – que indicia as condições nas quais as in-visibilidades – evocadoras de efeitos de sentido – se reportam, se debatem e se perturbam, o que mantém entre elas o desencaixe, a incompletude, a opacidade. Nesse funcionamento especular, (re)inscreve-se no e para o sujeito a ilusão da perda, posto que, discursivamente, "perda" é um efeito de sentido, como já dissemos. E nessa conjuntura, trata-se da ilusão da perda daquilo sobre o que aparentemente se sustentava para o sujeito como sua identificação simbólica. Com isso, explicitamos a condição movente do processo de identificação simbólica, o que im-põe ao sujeito sua relação, permanente e contraditória, com a ilusão da "perda" e de seu "retorno", isto é, com o luto. Essa relação, como veremos, na e pela linguagem, é da ordem da indissociabilidade entre repetibilidade-irrepetibilidade, isto é, entre paráfrase-polissemia.

### **Do fort-da ao jogo entre paráfrase e polissemia**

No jogo "fort-da" a que nos referimos, o sujeito lidaria com essa perda ilusória que o funcionamento especular (re)inscreve. Ao tomarmos esse jogo funcionando na e pela linguagem, a presença de  $x$  (efeito de sentido  $x$ ) dissimula  $y$  (efeito de sentido possível  $y$ ) em ausência, já que a (re)produção do efeito de sentido  $x$  (re)produz as relações possíveis que o sustentam (representadas aqui por  $y$ ), ou seja, para todo efeito de sentido  $x$ , há relações possíveis ( $y, w, z...$ ) que o sustentam como efeito. É esta relação (a relação presença-ausência) entre  $x$  e  $y$  que significa os possíveis modos tanto de  $x$  quanto de  $y$  ganharem existência, isto é, fazerem(-se) relação, fazerem(-se) sentido(s), metáforas, no processo metafórico-metonímico.

Assim, a análise do jogo "fort-da" nos permite entrever o movimento de repetibilidade-irrepetibilidade como condição de funcionamento do próprio jogo: o "fort-da" ("sumiu-achou") é a relação que esse movimento (re)atualiza em batimento. Em termos discursivos, o movimento de repetibilidade-irrepetibilidade pode ser concebido como a engrenagem do jogo presença-ausência que estrutura a relação metafórica, em (pelo menos) dois de seus modos fundantes: de um lado, o retorno do mesmo no diferente, a paráfrase, e, de outro lado e de modo concomitante, a irrupção do diferente no mesmo, a polissemia.

Ao atribuímos a esse movimento a ordem da repetibilidade-irrepetibilidade, reconhecemos o fundamento que estabelece como base de (re)produção do dizer a repetição/paráfrase como condição de (re)produção da diferença, da polissemia, do dizer outro. É o modo de o repetível derivar o "irrepetível", o diferente, o modo de a deriva funcionar. E o luto?

É desse modo que expomos o luto à perspectiva do funcionamento da linguagem, ou seja, não como conteúdo (cultural, social, político, psicológico, religioso, por exemplo), mas como metáfora (para a morte, para a separação, para o desaparecimento, para o afastamento, para o rompimento, para o abandono, para a impiedade, para o desencontro, para o absurdo, por exemplo). É assim que a ilusão da perda e de seu retorno



se (re)inscreve no e para o sujeito de forma estruturante: entre paráfrase e polissemia, que sustentam como ele pode/deve significar sua própria e única condição na linguagem. Tal é assim porque o jogo entre paráfrase e polissemia, como já dissemos, é estruturante do próprio funcionamento da linguagem. Logo, é sobre esse jogo que a tensão entre o político, o simbólico e o ideológico se materializa historicamente para o sujeito.

O diálogo de cenas a seguir, recortadas dos contos machadiano e rosiano, indicia esse funcionamento do luto na tensão entre paráfrase e polissemia e entre o político, o simbólico e o ideológico, que, nos contos, segundo nossa (re)leitura, fica in-visível, indiscernível através das faces dos espelhos.

Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. [...]. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria e **o vidro exprimia tudo. Não era mais** um autômato, **era** um ente animado. Daí em diante, **fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes**, e sentava-me **diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este régimen** pude atravessar mais seis dias de solidão, sem os sentir... (ASSIS, 1979 [1882], p. 352; negrito nosso)

— Foi num lavatório de edifício público, por acaso. Eu era moço, comigo contente, vaidoso. Descuidado, avistei... Explico-lhe: dois espelhos — um de parede, o outro de porta lateral, aberta em ângulo propício — **faziam jogo**. E o que **enxerguei**, por instante, **foi uma figura, perfil humano, desagradável ao derradeiro grau, repulsivo senão hediondo**. Deu-me náusea, **aquele homem**, causava-me ódio e susto, eriçamento, espavor. E era — logo **descobri... era eu, mesmo! O senhor acha que eu algum dia ia esquecer essa revelação?**

Desde aí, **comecei a procurar-me — ao eu por detrás de mim** — à tona dos espelhos, em sua lisa, funda lâmina, em seu lume frio. Isso, que se saiba, antes ninguém tentara. **Quem se olha em espelho, [...] O que se busca, então, é [...] ampliar o ilusório, mediante sucessivas novas capas de ilusão**. Eu, porém, era um perquiridor imparcial, neutro absolutamente. **O caçador de meu próprio aspecto formal [...]**. (ROSA, 2001 [1962], p. 122-123; negrito nosso)

Sim, **vi, a mim mesmo, de novo, meu rosto, um rosto; não este, que o senhor razoavelmente me atribui**. Mas **o ainda-nem-rosto** — quase delineado, apenas — mal emergindo, qual uma flor pelágica, de nascimento abissal... **E era não mais que: rostinho de menino, de menos-que-menino, só**. (ROSA, 2001 [1962], p. 127; negrito nosso)

Esses enunciados, ao darem contorno material à metáfora do espelho, permitem-nos compreender o luto como metáfora da lida, no sujeito, com a ilusão da perda e de seu retorno: tentativa, esforço, trabalho no e pelo simbólico para afastar o efeito de perturbação, de tensão, gerado pelo fato de deparar-se, de algum modo, com o real, que não cessa de se (re)inscrever<sup>11</sup> como aquilo que exige interpretação ao "suspender", por um lado, o efeito de unidade, de estabilidade, de completude, e, por outro lado, restituir a condição de movimento, em diferentes direções, ao processo de subjetivação do sujeito. Nessa metáfora especular, o político tensiona a suposta unidade do "eu": *o que enxerguei, por instante, foi uma figura, perfil humano, desagradável ao derradeiro grau, repulsivo senão hediondo. Deu-me náusea, aquele homem, [...]. E era — logo descobri... era eu, mesmo!*; o efeito ideológico da (própria) transparência – *o vidro exprimia tudo* – é recorrentemente estilhaçado e reconstituído: *cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três*

---

<sup>11</sup> Embora essa formulação possa ressoar a de Lacan ("ce qui ne cesse pas de ne pas s'écrire" (LACAN, 1972-73)), nos filiamos ao modo como Pêcheux (1995 [1975]) assume a compreensão psicanalítica (Lacan) de que há o real (*o real existe*), procurando dar consequências a essa compreensão na formulação de sua teoria geral do discurso. Nessa perspectiva, ao partirmos da compreensão de que o real existe e de que isto é incontornável para o sujeito, dizemos que o real não cessa de se (re)inscrever como condição de produção da interpretação, o que coloca uma relação com o real como impossível senão mediada pela relação constitutiva com a linguagem.

*horas, despia-me outra vez. Com este regímen pude atravessar mais seis dias de solidão, sem os sentir....*

Diante do espelho, o alferes machadiano esforça-se para cumprir, todo dia, em um certo horário, o ritual parafrástico materializado no gesto de vestir-se com seu uniforme, o que parece dar-lhe as condições de restituir-se no jogo "fort-da", que determina o movimento de sua identificação simbólica. Vestir-se como alferes produz como efeito a suposta dissipação do luto; logo, a suposta restituição do prazer de reconhecer-se "um" (de novo), ainda que ilusoriamente, ainda que provisoriamente, já que o saber de constituir-se dividido – o espelho lhe testemunha tal condição – se lhe apresenta como um insabido insuportável. Entre uma paráfrase e outra que o espelho permite (re)ver/(re)ler, o "outro" sentido faz jogo com o sentido aparentemente estável de "eu", o invisível se faz visível, o visível torna-se invisível. A perturbação se (re)instala e, contraditoriamente, (re)atualiza-se sua dissimulação: *logo descobri... era eu, mesmo! O senhor acha que eu algum dia ia esquecer essa revelação?"*

O efeito de perda – que evoca a suposta perda da unidade do "eu" e do efeito ideológico da (própria) transparência da linguagem, do sujeito, do sentido – (re)inscreve o sujeito na injunção a simbolizar tal efeito, o que provoca um retorno, uma espécie de *reaparição* da experiência sempre presente e sempre ausente, sempre perdida e sempre evocada, que é a experiência de "topar" o real. É assim que, (re)inscrito no funcionamento do luto, o sujeito joga – flerta – com o impossível, com o insuportável, com o real, com aquilo que dimensiona, de fato, a existência. Diante do real, o sujeito (re)vive, como nos disse Freud (2010 [1920]), a tensão pulsional entre permanecer vivo e retornar à inércia do inorgânico, ao inanimado, à inexistência. Diante do espelho, essa tensão *reaparece* ('da') de algum modo; e é ainda, diante do espelho, que ela *desaparece* ('fort') de algum modo. Podemos assim compreender que o luto, como metáfora, significa a condição dividida e tensionada da condição humana.

Essa divisão-tensão é materialmente formulada por meio dos enunciados que descrevem e, dessa maneira, significam a metáfora especular ("somos vistos ou vemos?"): o que o espelho reflete-reverte restitui ao sujeito sua divisão constitutiva: *era eu – era outro*. Em outras palavras, essa condição da subjetivação na e pela divisão, tensão entre *o um* do sentido e *o não um* do sentido marcando esse processo de subjetivação, forja-se materialmente por meio de um jogo discursivo sustentado sobre marcas linguísticas, como as pronominais, verbais e adverbiais.

Esse jogo tensiona a identidade do sujeito, supostamente reconhecível na imagem refletida do rosto daquele que se coloca diante do espelho, entre unidade (indiciada, por exemplo, pelo pronome "meu" em "meu rosto") e dispersão (divisão-indeterminação), que se indicia nas e pelas formas derivadas em relação de referência cruzada: "a **mim mesmo**", "**um** rosto", "**não este** rosto", "**ainda-nem**-rosto", "**não mais que**", "[era] só [um rosto]", "**aquele ... eu**", "a procurar-me", "**não era** mais ... **era...**", "**vestia-me... despia-me ...**", "**exprimia tudo**", "**fui outro**". É esse jogo que orienta a metáfora especular como significativa do processo que dissimula a divisão do sentido e do sujeito: sua in-visibilidade, seu in-discernimento.

É dessa maneira que a metáfora especular, assim (d)enunciada, nos permite compreender o luto como efeito do funcionamento discursivo, indiciando essa condição de tensão (unidade/dispersão) constitutiva do sujeito em demanda por interpretação, no batimento entre paráfrase e polissemia: *eu vi outro em mim mesmo*. Este enunciado sintetiza a relação indissociável entre paráfrase e polissemia (é na e pela repetição parafrástica que se abre ao sentido outro), dando visibilidade à relação de repetibilidade-irrepetibilidade que, no e pelo luto, (re)inscreve o sujeito à posição de tensão entre perder(-se) e reencontrar(-se), entre o desaparecimento e a (re)aparição!

## O luto pela sonoridade da pêndula de um antigo relógio

A compreensão que vimos explicitando nos evoca outra relação metafórica presente no conto machadiano, aquela que relaciona a metáfora do espelho à metáfora do pêndulo, expondo a dinâmica especular, que descrevemos acima, ao movimento do tempo: *um tempo, outro tempo...* Essa relação metafórica no conto machadiano nos reporta, por sua vez, de novo, à epígrafe deste artigo. Ali, sobre Bashô e seus haikais, Paz "nos diz que o homem não é unicamente o escravo do tempo e da morte mas que, dentro de si, leva outro tempo" (PAZ, 1996 [1954], p. 167).

Decorrente do cruzamento dessas diferentes temporalidades emerge uma sonoridade, que se torna (in)audível no conto machadiano, ao modo do ruído que ecoa como efeito de "um diálogo do abismo, um cochicho do nada" (ASSIS, 1979 [1882], p. 349). O sussurro de tempos entrecruzados, concorrentes, é descrito pelo personagem alferes, no conto, como o tic-tac pendular de um relógio antigo, a ferir-lhe "a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade". A esse respeito, a descrição da cena do conto machadiano aponta, na perspectiva do sujeito, para o in-discernimento relativo à manifestação do real, que ressoa reclamando sentido(s), ao modo de um estribilho que não cessa de retornar:

As horas batiam de século a século no velho relógio da sala, cuja **pêndula tic-tac, tic-tac**, feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade. Quando, muitos anos depois, li uma poesia americana, creio que de Longfellow, e topei com este famoso estribilho: **Never, for ever!** — **For ever, never!** confesso-lhes que tive um calafrio: recordei-me daqueles dias medonhos. Era justamente assim que fazia o relógio da tia Marcolina: — **Never, for ever!** — **For ever, never!** Não eram golpes de pêndula, **era um diálogo do abismo, um cochicho do nada.** [...] Tic-tac, tic-tac. (ASSIS, 1979 [1882], p. 349; negrito nosso)

Na materialidade discursiva sobre a qual a descrição da cena é construída, destacamos como o entrecruzamento de tempos é indiciado a partir do movimento onomatopaico que se (re)atualiza entre "tic-tac", por um lado, e "never-for ever", por outro. Marca-se assim, discursivamente, a tensão que é também constitutiva ao tempo, que não é jamais único senão como efeito.

Do nosso ponto de vista, a marca temporal, pendular, a que se refere o alferes nos remete à síntese formulada pelo narrador rosiano: "Ah, o tempo é o mágico de todas as traições..." (ROSA, 2001 [1962], p. 120). O tempo opera essa fantasia: a de trazer o (im)possível ao horizonte, uma resposta – ao modo do relâmpago de Bashô – à pergunta: *o que queres?* E essa fantasia é singular para cada sujeito porque é determinada pela sua (re)inscrição na des-continuidade histórica do tempo. Esse é o pêndulo do luto.

O tempo, nessa perspectiva, viabiliza tanto o atravessamento quanto a concorrência de obliquidades: um tempo e outro tempo (não) se cruzam, (não) se reportam, (não) se debatem, funcionamento que, ainda nas palavras do narrador rosiano, o espelho pode tornar in-visível: "não será porque, através dos espelhos, parece que o tempo muda de direção e de velocidade?" (ROSA, 2001 [1962], p. 122). *Um tempo (tic), outro tempo (tac)*... Esse funcionamento pendular im-põe ao sujeito (re)viver esse jogo de obliquidades, e a imagem "integral" de si, esse efeito ideológico, pode tornar-se in-inteligível, *in-visto*. O jogo de cenas, enunciado no entrecruzamento dos contos, (re)atualiza a materialidade discursiva do jogo de obliquidades que o espelho (re)produz, textualizando o político, a divisão, a tensão do(s) sentido(s).

[...] De quando em quando, **olhava furtivamente para o espelho; a imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos...** [...]

— Estava a olhar para o vidro, com uma persistência de desesperado, contemplando as próprias **feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes**, [...]. (ASSIS, 1979 [1882], p. 350-351)

Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; **o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes**, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. (ASSIS, 1979 [1882], p. 351-352; negrito nosso)

Simplesmente lhe digo que **me olhei num espelho e não me vi. Não vi nada**. Só o campo, liso, às vácuas, aberto como o sol, água limpíssima, à dispersão da luz, tapadamente tudo. **Eu não tinha formas, rosto? Apalpei-me, em muito. Mas, o invisto. O ficto. O sem evidência física**. Eu era — o transparente contemplador?... Tirei-me. Aturdi-me, a ponto de me deixar cair numa poltrona. (ROSA, 2001 [1962], p. 126; negrito nosso)

O jogo de obliquidades, em que a metáfora especular e a metáfora pendular contraem relação, torna-se in-visível na e pela descrição da experiência dos personagens de Assis e de Rosa diante do espelho. Esse jogo é discursivamente marcado pela divisão que aponta para a des-continuidade constitutiva do movimento do sentido e do sujeito: entre a "figura integral", sem "nenhum contorno diverso", *o visto*, unidade, e o "nada", *o invisto*, "decomposição de contornos", "sem evidência física", dispersão.

Com isso, compreendemos que a existência é dirigida pelo funcionamento pendular, que metaforiza o próprio funcionamento do real. O tic-tac da pêndula do relógio no conto machadiano marca a condição desse funcionamento, isso que podemos ler como propriedade do real para o sujeito, já que, como dissemos, o real é aquilo que existe — e bate. Essa colocação nos permite compreender que nossa existência, simbolicamente elaborada, não cessa de "escutar" esse real, o que nos leva a "indagá-lo": "o que queres"? É assim que assumimos, sem sabê-lo, nossa posição no diálogo do abismo, como interlocutores relativamente ao cochicho do nada.

A partir do exposto acima, mostra-se-nos oportuno (re)ler esse funcionamento pendular no jogo presença-ausência, uma vez que esse jogo indicia o modo próprio de o real (res)soar, funcionar: inaudível/irrepresentável, porém significante; permanente, porém descontínuo. Esse é o modo pelo qual o abismo, o nada, *diz*, significa. Nessa medida, o jogo presença-ausência metaforiza, na e pela história, a relação (im)possível do sujeito com o real, sempre mediada na e pela linguagem, e estruturada na e pela articulação entre o simbólico, o político e o ideológico.

Assim, quando entrecruzamos as metáforas do pêndulo e do espelho, dizemos que, diante do espelho, ainda que uma imagem "integral" de si possa, recorrentemente, parecer reconstituída para o sujeito — *o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes* —, o seu reflexo indicia, necessariamente, uma burla oblíqua pela significação, que perturba essa integralidade, atravessando-a, abrindo-a a outro tempo e a outro espaço, que também a definem: *olhava furtivamente para o espelho; a imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos [...] próprias feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes*.

É, portanto, nos tempos e espaços outros que o espelho (re)atualiza, que o sujeito vai (re)ver-se e (re)ler-se em movimento incessante, constituindo-se na e pela linguagem, como posições significativas, no jogo entre paráfrase e polissemia. Esse movimento incessante, o espelho sintetiza, organizando certa dispersão que passa a ser refletida-revertida como um conjunto, ou seja, o jogo especular dissimula uma unidade para a imagem que reflete; e, ao mesmo tempo, a dispersão de sentidos que constitui essa imagem permanece ali revertida *em ausência significante*. Ou seja, é por isso que a

imagem no espelho se constitui como uma série de pontos de deriva possíveis, como uma série de in-visibilidades possíveis: *me olhei num espelho e não me vi. Não vi nada. [...]* *Eu não tinha formas, rosto? Apalpei-me, em muito. Mas, o invisto.*

Trabalhar essa metáfora pendular nos permite ressignificar a compreensão do luto como funcionamento de linguagem. O tic-tac pendular nos reporta ao batimento entre *um tempo* e *outro tempo*, próprio ao funcionamento da linguagem. Este é o mo(vi)mento intervalar do luto: entre o um do sentido e o não-um do sentido, entre unidade e dispersão, entre "*fort*" e "*da*", entre desaparecimento e (re)aparição. No intervalo ressoa o surdo eco do abismo. É justamente porque não se preenche esse intervalo, a não ser ilusoriamente, que o movimento do sujeito na e pela linguagem não cessa de se (re)inscrever.

### **A condição perturbadora do luto**

Nessa direção, podemos dizer que o entrecruzamento entre as metáforas do pêndulo e do espelho indicia o funcionamento do real como um funcionamento determinado na e pela relação, no e pelo jogo "presença-ausência", cuja natureza paradoxal se sustenta na contradição inerente ao fato de não haver ausência sem presença e, ao mesmo tempo, de não haver presença sem ausência. Em todo percurso pendular do real, essa contradição se (re)produz inerente ao modo como, em cada ponto desse percurso, o real bate, convocando o sujeito a interpretar(-se). Assim se produz, entre outras, a evidência da perda, como efeito dessa relação paradoxal.

Ao compreendermos o funcionamento do real como pendular, podemos dizer que esse funcionamento determina a relação presença-ausência como uma relação paradoxal. Sendo assim, é ao modo de um paradoxo que o processo de (re)produção da significação funciona, ou seja, é ao modo de um paradoxo que as relações possíveis entre um efeito de sentido *x* e outro efeito de sentido *y*, como já descrito, são (re)produzidas: *um sentido sempre pode ser outro* (PÊCHEUX, 1997 [1983]). É nessa perspectiva que (re)lemos o luto: aquilo que parece ter sido perdido nos remete a uma falta constitutiva que determina – historiciza – o trajeto da subjetivação. Essa falta, para nós, funciona como a pedra angular da metaforização possível para o sujeito, na medida em que significa no e para o sujeito a alteridade como presença-ausência.

Compreendemos, assim, que a metáfora do espelho significa não apenas o jogo de olhares, perspectivas, interpretações que as imagens – do eu e do(s) outro(s) – ali (re)produzidas mostram, isto é, refletem-revertem, evocando sentidos, mas também os embates possíveis com os quais o sujeito refletido-revertido no espelho se depara e, em decorrência disso, é convocado a os interpretar e a se interpretar neles e por meio deles. Essa condição especular evoca, por sua vez, no e para o sujeito, o luto como jogo na/da linguagem, o luto como funcionamento da ligação material, histórica, entre o político, o simbólico e o ideológico. Ou seja, como um funcionamento de (des)arranjo *sem início nem fim* na relação presença-ausência de sentido(s).

O espelho, dessa maneira, torna manifesta a condição perturbadora que funda a constituição da subjetivação – o sujeito materialmente ligado ao estatuto não-um do sentido. A essa condição perturbadora chamamos de luto. Uma condição dolorosa, angustiante, faltosa, que, no espelho, por exemplo, se manifesta e é capturada no e pelo sujeito, de relance, na e pela imprecisão. Por isso, muitas vezes, o que faz função de espelho para o sujeito é *a morte de*.

No jogo de imagens especulares que destacamos da releitura que fizemos dos contos machadiano e rosiano, reinscrevemos a significação do luto pela (re)produção do efeito da perda (e de seu retorno). Efeito que se (re)produz na condição do embate contra a presença-ausência que constitui o sujeito. O sentido de luto precipita ali a partir de uma

"visão parcialmente alheada" (ROSA, 2001 [1962], p. 124), como um método que coloca o sujeito em luto no batimento entre o (re)ver-se, o ser (re)visto, o (re)ler-se e o ser (re)lido. E, nesse mo(vi)mento, o sujeito procura esquivar-se da angústia, livrar-se da dor, e enxergar-se completo, um, novamente.

Nessa perspectiva, compreendemos que a constituição – mutilada, esgarçada, oblíqua – do sujeito o identifica à sua condição dolorosa, causando-lhe perturbação, e o significa no e pelo efeito de nojo, de luto. Percepção dolorosa de constituir-se não-um, dividido, elidido. Queda-perda, instantânea e recorrente, da unidade imaginária; vislumbre, entrevisão, viabilizada pelo suporte especular, do estado de in-comunicabilidade sempre já-lá entre (re)leituras possíveis de si, entre imagens refletidas-revertidas no e pelo espelho, porque colapsa a suposição de um encaixe "integral" entre a leitura do outro sobre si e a ilusória estabilidade de uma imagem de si, o que expõe ao olhar leitor uma burla *gauche*, oblíqua, faltosa, *manca*: o sujeito, capturado nesse funcionamento do jogo da identificação simbólica, ao se ver refletido, e tentar se reconhecer em presença, é também exposto ao seu reverso, à suposta in-comunicável ausência que é sempre já significada no dizer do outro sobre si como algo claro, translúcido, transparente, desejoso. Como se sua constituição na e pela linguagem fosse reduzida ao gesto de vestir-se de palavras, que já o cobrissem desde sempre-já de sua "integral" *alma*.

Dizemos isso nos reporta novamente à personagem alferes no conto machadiano, que nos coloca mais uma vez diante do espelho, vestindo-se e despindo-se de sua farda de alferes, ao modo de um ritual a (re)inscrever certa compulsão à repetição (FREUD, 2010 [1920]): "cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes [*da*'], e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me [*fort*] outra vez" (ASSIS, 1979 [1882], p. 352). O gesto de vestir-se nos remete ao de despir-se, e vice-versa, diante do espelho. Nesse jogo entre vestir-se e despir-se, compreendemos que o gesto de vestir-se realinha o sujeito no e pelo espelho, como se tal gesto calibrasse o espelho a dissimular a difusão de imagens que sua face vítrea necessariamente (re)inscreve – reflete-reverte.

Vestir-se de alferes diante do espelho todo dia materializa uma reinterpretação da exterioridade, da alteridade, como se dissipasse a difusão que lhe constitui, (re)inscrevendo o sujeito na esfera do suposto controle, como puxar de volta o carretel pelo cordão, gesto que lhe devolveria sua própria unidade, sua suposta estabilidade. O despir-se, por sua vez, é o gesto que (re)inscreve no "eu" o efeito de desaparecimento dessa exterioridade, alteridade, (re)inscrevendo o sujeito no jogo simbólico da produção da interpretação dessa ausência constitutiva, entre paráfrase e polissemia.

O luto, nessa perspectiva, funciona convocando o sujeito a operar uma calibragem simbólica no tempo e no espaço, apaziguando sua condição perturbadora. É um modo, na e pela linguagem, de ritualizar a dispersão que lhe é constitutiva, (re)inscrever o sujeito no trabalho de se discernir e se iludir como o um-sentido, de se (re)fazer "integral" de novo. No entanto, o funcionamento paradoxal dessa produção *em luto* nos adverte de que essa imagem *em presença* e, supostamente, "integral" convoca outras que ali significam *em ausência*, significando uma falta, portanto; o que permite entrever no e pelo espelho, sua incompletude, sua imprecisão. O luto assim compreendido é uma condição, na e pela linguagem, inalienável ao sujeito.

Com efeito, diante do espelho, o que o sujeito (re)vê e o que ele (re)lê o colocam diante de um *regímen* de enigmas, isto é, prisma de interpretações, perspectivas, metamorfoses: "olhos contra os olhos. Soube-o: os olhos da gente não têm fim" (ROSA, 2001 [1962], p. 123).

## 2. O LUTO PELA METÁFORA DO SUFOCAMENTO

Nesta seção, reconstruímos a metáfora do sufocamento por meio de uma releitura da charge de Will Barcellos, publicada em 14 de janeiro de 2021, em condições de produção determinadas pelo agravamento, no Brasil, da pandemia do coronavírus, após um ano de seu início, em março de 2020. A charge, reproduzida mais adiante (Figura 1), foi publicada no perfil do artista no Instagram, e (re)atualiza, em seu programa de leitura (DAVALLON, 1999 [1983]; PÊCHEUX, 1999 [1983]), a denúncia de que "uma cidade inteira está sem oxigênio e pacientes de COVID-19 morrem da maneira mais desumana que existe, sem conseguir respirar"<sup>12</sup>, segundo palavras de Barcellos, que funcionam como uma espécie de legenda à charge.



Figura 1. O Brasil em articulações e latitudes discursivas. Charge de Will Barcellos, sem título, publicada em 14 de janeiro de 2021, no Instagram: <https://www.instagram.com/p/CKC4h6onhhB/>. Acesso em março de 2021.

Ao trabalharmos a metáfora do sufocamento na e pela charge, objetivamos reler o não-um sentido de luto a partir de certas articulações e latitudes discursivas que o constituem como um ponto de metáfora, isto é, um ponto de transferência de sentidos.

A partir de Pêcheux (1995 [1975]), compreendemos as articulações discursivas como (re)atualizações de elementos do interdiscurso<sup>13</sup> no discurso, ou seja, um modo de o interdiscurso se fazer presente-ausente no fio discursivo. Essas articulações podem provocar diferentes efeitos, dentre os quais Pêcheux cita o efeito de pré-construído, como um saber (re)atualizado no fio discursivo por meio de *encaixe* sintático, sob a modalidade discursiva da discrepância, "pela qual um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado 'antes, em outro lugar, independentemente'" (PÊCHEUX, 1995 [1975], p. 156), ou seja, como sempre-já-lá. Outro efeito de articulação discursiva citado por

<sup>12</sup> A cidade referida pelo chargista é Manaus, no Estado do Amazonas, e a situação denunciada na charge é também noticiada no *Gazeta do Povo*, em 15 de janeiro de 2021, em reportagem intitulada "Falta oxigênio em Manaus: 4 pontos para entender o caos na capital do Amazonas". Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/coronavirus-manaus-colapso-falta-oxigenio/>. Acesso em 05/04/2021.

<sup>13</sup> O interdiscurso, conforme definido por Pêcheux (1995 [1975], p. 162), corresponde ao *todo complexo com dominante das formações discursivas*.

Pêcheux é o efeito de sustentação. Na produção desse efeito, "o *interdiscurso enquanto discurso transverso* atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo *interdiscurso enquanto pré-construído*" (PÊCHEUX, 1995 [1975], p. 167), sob a modalidade discursiva da incorporação-dissimulação dos elementos do interdiscurso, "de modo que o interdiscurso *aparece* como o puro 'já-dito' do intradiscurso, no qual ele se articula por 'correferência'" (PÊCHEUX, 1995 [1975], p. 167), ou seja, por efeito de referência ao mesmo objeto de discurso. É, portanto, pelo funcionamento das articulações discursivas, como relações de sustentação no/do fio discursivo, que se (re)produz, como efeito, a unidade imaginária do sentido e do sujeito e a transparência da história na e pela linguagem.

Já as latitudes discursivas, no modo como compreendemos, configuram uma espécie de horizonte em relação ao processo de articulação discursiva, determinando imaginariamente fronteiras a partir das quais o fio discursivo pode distender-se-(re)arranjar-se, movimento no qual tanto a paráfrase quanto a polissemia encontram condições de se (re)inscreverem, de se (re)corporificarem, como efeito, no e pelo fio discursivo. Esse horizonte constitui-se, portanto, como uma espécie de feixe de latitudes constituído, por sua vez, de um todo complexo de possíveis fios discursivos em relação, pelos quais os sentidos se movimentam, e a transferência se torna passível de acontecer. É, portanto, pelo funcionamento das latitudes discursivas, como relações de dis-tensão-(re)arranjo no/do fio discursivo, que se (re)produz, como efeito, a deriva do sentido e do sujeito e a descontinuidade – a dispersão – da história na e pela linguagem.

É por essas articulações e latitudes que o jogo da metáfora se abre ao sujeito sob as condições específicas materiais das diferentes formas de linguagem. São essas articulações e latitudes que oportunizam o *tráfego* dos sentidos pela condição esburacada da memória.

A partir de Pêcheux (1999 [1983]), compreendemos a memória do discurso como memória esburacada, o que nos remete à condição esburacada como condição de existência e de funcionamento da memória do dizer. Esse funcionamento sustenta o fundamento segundo o qual o sentido sempre pode ser outro (PÊCHEUX, 1997 [1983]), ou seja, o fundamento relacional como condição de existência e de funcionamento para o sentido, como efeito e não como conteúdo, efeito do processo de determinação histórica da significação para o sujeito. É sob o esburacamento da memória que as relações de sentido se produzem, sem previsão, sem garantia, sem direção predeterminada, *sem início nem fim*, projetando a metáfora, o efeito da transferência, como possibilidade sempre-já-lá. Relações de sentidos através e pelos buracos da memória. É *só-depois*, como efeito da tensão entre o político e o simbólico, que a ilusão do sentido como unidade e como direção se "faz" para o sujeito.

Com base nessa compreensão, dizemos que, ao serem evocados na e pela necessidade histórica da significação, os sentidos precipitam, como determinação, no/do fio discursivo... como paráfrase e polissemia, como forma material sobre a qual o sujeito se precipita. Sendo assim, é por meio das articulações e latitudes que o não-um sentido de luto constitui-se como metáfora. É este funcionamento que explicitamos a seguir.

### **Não consigo respirar!: o Brasil en-luta-do**

Se pensamos o olhar leitor diante da charge de Barcellos, podemos supor que esse olhar, ao vivenciar a experiência de leitura da charge, poderia reconhecer nela a (re)atualização de um funcionamento especular. Nessa condição, o que o olhar leitor poderia (re)ver, (re)ler na *face vítrea* da charge? Como a charge, em seu funcionamento especular, poderia (re)ver, (re)ler seu leitor? Que efeitos de sentido a charge reflete-



reverte? E, se pensamos no objeto discursivo sendo trabalhado neste artigo, o luto como discurso, como a charge discursiviza o luto? Como a charge (re)atualiza o luto em metáfora(s)?

E mais: se pensamos a charge como uma versão de um conto literário, que cenário ela descreve? Que enredo ela tece? Que trama ela discursiviza? Que jogo de evidências ela (re)escreve? Que fantasia podemos escutar através dela? Ainda: que jogo de desaparecimento-reaparição a charge incorpora-dissimula? Qual jogo presença-ausência, qual jogo de in-visibilidade(s) a charge movimenta? Que articulações e latitudes discursivas a charge, como objeto simbólico, im-põe, (re)inscreve à metáfora do luto? Que memória ela opera?

São essas perguntas, portanto, que fazemos funcionar em nosso dispositivo de leitura, que nos (re)colocam diante da charge. Nossa compreensão do luto pela metáfora do espelho, exposta acima, permite-nos (re)ler a charge funcionando como um espelho: sua face reflete-reverte metáforas historicizadas de Brasis, dando vazão à articulação discursiva de outra metáfora possível, por meio da qual podemos reler o Brasil, hoje: a metáfora do sufocamento. O Brasil discursivizado na charge desenha o sufocamento de sua própria realidade, ao mesmo tempo em que é desenhado como se estivesse sufoca(n)do.

Essa metáfora do sufocamento, refletida-revertida na charge, historiciza, por sua vez, o luto como metáfora, significando o estado de luto na relação com uma conjuntura fatal-real: a morte da vida de milhares de brasileiros, a iminência da morte de vidas brasileiras em sufocamento. O Brasil da charge é desenhado como um Brasil enlutado, ao mesmo tempo que indicia a condição de um Brasil em luta, um Brasil que luta: um Brasil que sucumbe; um Brasil que resiste. En-luta-mento decorrente do sufocamento fatal-real causado pela covid-19, e, também, pela suposta inércia que tem marcado, reconhecidamente, a gestão da pandemia. Milhares de mortes, milhares de perdas, desnecessárias. En-luta-mento que, sufocante, compulsório, im-põe o retorno da luta como um processo-pulsão *sem início nem fim* pela vida. En-luta-mento que (re)inscreve o sujeito no incessante jogo da luta-disputa entre vida-e-morte, entre presença-e-ausência.

Nessa perspectiva, podemos dizer que a charge atualiza-materializa uma leitura do Brasil de hoje sustentada em um (re)arranjo de linhas, traços, contornos que dispõe outro (re)arranjo de in-visibilidade(s), no qual o jogo do in-visto – *o visto torna-se invisto e vice-versa* – se (re)inscreve, e a visão da morte, como efeito de sentido, ganha predominância: o Brasil *enlutado, sufocado* em cruces. É assim que a charge incorpora-dissimula o jogo especular que o narrador rosiano descreve como o jogo de *olhos contra olhos* (ROSA, 2001 [1962], p. 123), o que, na e pela charge, coloca em cena, como in-visibilidade, a condição do sujeito na permanente luta-disputa entre a vida e a morte.

Dessa maneira, diante da conjuntura brasileira que a charge discursiviza, marcada, como dissemos, por uma pandemia descontrolada e sua gestão em suposta inércia, (re)atualiza-se, metonimicamente, como efeito da incidência – incorporação-dissimulação – de um discurso transversal, o jogo vida e morte como a face aparentemente única do país. O discurso transversal que aí incide é aquele cuja forma pode ser sintetizada-materializada em formulações como: "todo mundo sabe que o coronavírus existe e é contagioso"; "todo mundo sabe que a contaminação pelo vírus pode ser fatal"; "é claro que o Brasil não combate a pandemia com eficácia"; "é claro que a pandemia da covid-19 se agrava no país" etc. É assim que esse discurso transversal, atualizado-materializado na e pela charge, articula uma montagem discursiva cuja forma imagética (re)inscreve o desdobramento da morte em paráfrases. Desse modo, as cruces, que *enlutam, sufocam* o Brasil desenhado na charge de Barcellos, parafraseiam a perda de milhares de vidas brasileiras e o risco da perda de outros tantos milhares.

A charge também indicia o movimento da metáfora do sufocamento atravessando a memória esburacada (PÊCHEUX, 1999 [1983]) da significação. É dessa maneira que a charge, como acontecimento a ser lido, ressoa – restabelece – um já-dito, um pré-construído – "respiramos!" – articulado a uma discursividade-transversa – "todo homem respira para não morrer", "todo mundo sabe o que é respirar". Em relação a essa articulação, uma latitude discursiva é (re)inscrita no horizonte de significação da charge a partir da paráfrase "não consigo respirar!". Nessa latitude discursiva, discursos se debatem: a charge "topa" a formulação de George Perry Floyd Jr., negro norte-americano morto em 25 de maio de 2020 ao ser impedido de respirar em função de um policial branco ajoelhar-se, por mais de 9 minutos, sobre seu pescoço. "Não consigo respirar!", assim, marca uma discrepância discursiva em relação ao pré-construído "respiramos!", abrindo a interpretação ao sufocamento sob a forma de metáfora, ponto de transferência de sentidos, ponto que permite a (re)leitura do Brasil pelo luto e, neste caso, pela morte/pela iminência da morte.

"Não consigo respirar!", repetia Floyd, lutando contra a própria morte. "Não consigo respirar!" é a formulação que, com a morte de Floyd, passa a circular, mundo afora, como um acontecimento a ser lido, um acontecimento que reclama sentido(s), um clamor de resistência diante do "jogo de forças na memória, sob o choque do acontecimento" (PÊCHEUX, 1999 [1983], p. 53). "Não consigo respirar!", grita o Brasil desenhado na charge de Barcellos, lutando contra o próprio sufocamento: a charge (re)atualiza essa metáfora ao (d)enunciar, conforme palavras do artista, que "o povo de Manaus sente o peso de uma bota em seu pescoço", o que, no momento em que fechamos este texto, pode ser (re)lido como "o povo brasileiro sente o peso de uma bota em seu pescoço", já que a falta de oxigênio nas unidades de saúde Brasil afora se mostra uma ameaça real<sup>14</sup>.

"Não consigo respirar" (re)atualiza, portanto, o grito de Floyd, "I can't breathe", evocando, também, por um lado, o sentido de angústia decorrente da falta de oxigênio – decorrente, eventualmente, da morte pela falta de oxigênio –, fato (d)enunciado por muitos brasileiros, consequência da gestão inconsequente da pandemia no Brasil. Por outro lado, "a bota em seu pescoço" (re)atualiza os joelhos do policial branco sobre o pescoço do cidadão negro, imagem metafórica que significa a opressão por parte do(s) Estado(s) sobre os cidadãos negros, assim como sobre outros cidadãos colocados em situação de vulnerabilidade.

Com isso, mostramos, também, que, nesse espaço de disputa forjado entre paráfrase e polissemia, marca-se o jogo entre interpretação e deriva, que permite compreendermos como a charge em análise funciona "como um operador de memória social" capaz "de conferir ao quadro da história a força da lembrança" (DAVALLON, 1999 [1983], p. 31), (re)inscrevendo-a, em nossas palavras, como efeito do movimento da ir-repetibilidade histórica. Nessa direção, é pelas condições de (re)leitura da charge já expostas que podemos dizer que ela significa, também, o Brasil como "corpo", um Brasil-corpo que morre/pode morrer sufocado, e cujo pulmão padece por falta/pela possibilidade da falta de oxigênio. Isso força à/a lembrança de que o estado do Amazonas abriga a maior área de Floresta Amazônica preservada, área que costuma ser significada a partir da (re)atualização de um pré-construído: Amazônia, "pulmão" do Brasil/do Mundo.

As linhas, traços, contornos de um possível mapa do Brasil são (re)arranjados, na charge, (re)atualizando o acontecimento "Não consigo respirar!", abrindo-o ao jogo da

---

<sup>14</sup> A esse respeito, pode-se considerar a reportagem publicada em O Globo, em 18 de março de 2021, intitulada "Estados e municípios temem falta de oxigênio e alertam Ministério da Saúde" (cf. <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/estados-municipios-temem-falta-de-oxigenio-alertam-ministerio-da-saude-24929488>). Acesso em 05/04/2021.

metáfora, a outra articulação discursiva, a partir da qual o Brasil é significado como um país em que funciona, (re)produzindo efeitos, o direito burguês, resumido, como nos ensina Pêcheux, na seguinte formulação: "todos os homens são iguais, mas há alguns que o são mais que outros" (PÊCHEUX, 1995 [1975]), p. 27). Essa formulação é o que a charge (des)estabiliza ao admitir as seguintes paráfrases em latitude: "todos precisam/podem respirar, mas alguns mais que outros"; "todos precisam/podem respirar, mas alguns são/devem ser impedidos".

É por esse jogo entre articulações e latitudes discursivas que podemos afirmar, com Mariani (2010), que não há previsão nem garantia para as significações: "é no só-depois que um sentido se faz presente" (MARIANI, 2010, p. 41). É assim que a metáfora do sufocamento se (re)inscreve como interpretação na charge, como um "só-depois que se faz presente", (re)atualizando "a condição do legível em relação ao próprio legível" (PÊCHEUX, 1999 [1983], p. 52), oportunizando uma (re)leitura do luto por essa metáfora. Nesse jogo entre articulações e latitudes discursivas, em que a relação presença-ausência se movimenta, (res)soa a seguinte interlocução:

Floyd/Povo Brasileiro: — "Não consigo respirar!"

Policial americano/governo brasileiro: — "Você chegou a existir?"<sup>15</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Não se esqueça, é de fenômenos sutis que estamos tratando" (ROSA, 2001 [1962], p. 120) - nos advertiu o narrador rosiano, desde o início. Foi perseguindo esse efeito que escutamos o luto em seu funcionamento discursivo, *pulsando* como efeito *refletido-revertido* no sujeito em luta, entre a vida e a morte, e, dessa maneira, *burlando* a identificação simbólica que o constitui a partir de um jogo de in-visibilidades no qual o um-sentido (res)soa, significa o sentido-outro, e vice-versa: obliquidades constitutivas do sujeito que se *precipita* como um!

Pudemos entrever essas obliquidades no mo(vi)mento de desaparecimento-reaparição do efeito de en-luta-mento, mo(vi)mento *impressionante* aos olhos do sujeito, como o relâmpago de Bashô, anunciando o ruído em relação ao qual o sujeito é convocado ao *diálogo do abismo*, ao *cochicho do nada*. É aí que o sujeito luta-resiste-respira-sucumbe entre metáforas, experienciando o luto "como esse momento fugaz, fugidio, um clique, momento em que se configura não mais a radicalidade de uma perda, mas a perda em sua espantosa radicalidade como movência" (MARIANI, 2010, p. 41), o luto entre *um tempo e outro tempo*.

E aí, em estado de luto, urge o grito do artista: "esse governo precisa cair" (BARCELLOS, 14 de janeiro 2021, *cf.* Fig. 1).

---

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Trad. Port. Lisboa: Editorial Presença, 1970.
- ASSIS, J. M. Machado de. O Espelho - esboço de uma nova teoria sobre a alma humana. In: ASSIS, J. M. Machado de. *Obra Completa*, v. II [Conto e Teatro, Papéis Avulsos]. Org. de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1979. p. 345-352.

---

<sup>15</sup> No conto "O Espelho" (ROSA, 2011 [1962], p. 128), esse "juízo-problema", essa dúvida, retorna ao ouvinte/leitor rosiano como reflexão ético-filosófica desdobrada da experiência do narrador diante do espelho.

BASHÔ, M. *39 Haikais de Bashô*. Trad. Bras. Edição Independente, Amazon, *E-book*, 2020.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de Política*. Trad. Bras. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. 2 vols.

CHEMAMA, R. *Dicionário de psicanálise*. Trad. Bras. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

DAVALLON, J. Imagem, uma arte de memória? In: PÊCHEUX, M. *et al. Papel da memória*. Trad. Bras. Campinas: Pontes, 1999 [1983]. p. 23-37.

ESTADOS e municípios temem falta de oxigênio e alertam Ministério da Saúde. *O Globo* [online], Rio de Janeiro, 18 março 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/estados-municipios-temem-falta-de-oxigenio-alertam-ministerio-da-saude-24929488>. Acesso em 05/04/2021.

FALTA oxigênio em Manaus: 4 pontos para entender o caos na capital do Amazonas. *Gazeta do Povo* [online], Curitiba, 15 março 2021. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/coronavirus-manaus-colapso-falta-oxigenio/>. Acesso em 05/04/2021.

FOUCAULT, M. Capítulo I. Las meniñas. In: FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Bras. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999 [1966].

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. *Obras completas (1917-1920)*, vol. 14 [Versão *e-book*]. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HAROCHE, C; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R. L. (Org.) *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. 2. ed. rev. e ampl. São Carlos: Pedro & João, 2011 [1971]. p. 13-32.

LACAN, J. *Séminaire 20 - Encore (1972-73)*. Versão online disponível em: <http://staferla.free.fr/S20/S20%20ENCORE.pdf>. Acesso em 29/07/2021.

MARIANI, B. S. C. Escrevendo perda e luto em Esaú e Jacó. In: TFOUNI, L. V. *Letramento, escrita e leitura: questões contemporâneas*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 33-42.

ORLANDI, E.P. A análise de discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 42, p. 21-40, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/296609823.pdf>. Acesso em 05/04/2021.

PAZ, O. A poesia de Matsúo Bashô. In: PAZ, O. *Signos em rotação*. Trad. Bras. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996 [1954]. p. 155-167.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Bras. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995 [1975].

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: PÊCHEUX, M. *et al. Papel da memória*. Trad. Bras. Campinas: Pontes, 1999 [1983]. p. 49-57.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997 [1983].

ROSA, J. G. O Espelho. In: ROSA, J. G. *Primeiras Histórias*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001 [1962].

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SERENI, E. De Marx a Lênin: a categoria de "formação econômico-social". *Meridiano* [Revista de Geografia], Buenos Aires, Centro de Estudios Alexander von Humboldt, n. 2, p. 297-346, 2013. Disponível em: <http://www.revistameridiano.org/n2/17/>. Acesso em 22/02/2021.

Recebido: 12/4/2021

Aceito: 25/9/2021

Publicado: 24/11/2021